Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

11.01.96. Porto Novo.

Joseph Gbédji

MILTON GURAN - Você começa pelo seu nome e sua pronúncia. Diz para mim.

JOSEPH GBÉDJI - Gbédji, operador geométrico, com os sub-brasileiros[1], que está ao lado do senhor...

MG - Milton Monteiro

JG - Com o senhor Dosso Elia.

MG - Vimos o grupo que faz a rima da *bourian*. E o senhor é originário de Uidá?

JG - Sim.

MG - O senhor nasceu dia 11 de janeiro de 1938. Sabe porque me lembro de 38? Porque nasci em 48. E você, é de que ano? [2]

[Dosso Elia?] - Eu nasci dia 18 de agosto de 1971.

MG - Você é o irmão mais novo e ele o mais velho.

JG - O senhor veio para ver os brasileiros, eu me pergunto porque o senhor está se encontrando comigo?

MG - Eu vim para encontrar com você, Joseph, porque eu sou um pesquisador, eu faço pesquisas sobre história, sou pago pelo governo brasileiro para conhecer a cultura brasileira daqui. As pessoas do Benin que chamamos de agudás, as pessoas do Benin que fazem as coisas que chegaram aqui com os agudás, as pessoas que comem feijoada, as pessoas que fazem a *bourian*. Eu faço gravações sobre o que se passa, como eles preparam a feijoada, como é feita a bo*urian*. E como você é... todo mundo me disse: "Se você quer conhecer alguma coisa de *bourian*, precisa falar com ele, porque ele é o diretor da Estrela de Honra. Então, vim te ver.

JG - Seja bem vindo. Eu sou realmente o diretor da *bourian* Estrela de Honra. Eu estava em Cotonu e vim para Porto Novo. Quando eu vim para cá, eu nem pensava em me

[1] No manuscrito está escrito *sous brésiliens*. Outra opção de tradução seria dinheiro brasileiro, que parece menos provável.
[2] Milton Guran dirige-se à uma terceira pessoa, possivelmente Dosso Elia.

apresentar para os brasileiros de Porto Novo. Mas eu sabia, tem *bourian* em Porto Novo, dos Da Silva, dos Amaral.

MG - Os Da Silva fazem ainda a *bourian?*

JG - Sim, eles fazem. Quando cheguei, eu era o presidente e o diretor da *bourian* de Cotonu.

MG - Aquela do lado do cinema VOG?

JG - Não, não é essa. Eu era o fundador da [*bourian*] de Uidá, quando eu comecei a trabalhar em Cotonu, em 1958. E eu refundei a Sociedade de *bourian* de Cotonu Aïajedo, com senhor François Almeida. Ele é o meu padrasto, hoje paralisado.

MG - Era o pai da esposa do senhor que era Almeida?

JG - E foi aí que eu fundei a *bourian* de Cotonu, em 1958. Nós recomeçamos a *bourian* em Cotonu, porque ela estava parada desde 1937.

MG - Por que?

JG - Quando os velhos decidem não fazer mais, é isso. E quando um europeu veio do Brasil, em 49, dizendo "não, isso não deve se fazer" também, então eles acordaram e começaram.

MG - E você se lembra do nome desse europeu?

JG - Eu era pequeno.

MG - Ele se chamava talvez Pierre Verger?

JG - Eu não sei o nome dele. Nós, as nossas crianças, quando você é filho brasileiro, mesmo doméstico, precisa ser respeitoso.

MG - Sim.

JG - Entre os brasileiros, tem que ser disciplinado, respeitoso, em todas as coisas.

MG - Mesmo se você é doméstico, não é da família.

JG - É isso. Porque os brasileiros são os primeiros franceses, os [primeiros] brancos que vieram ao Daomé. É por isso que eu preservei essa disciplina para formar as crianças.

MG - Mas o senhor mesmo, o senhor não é agudá.

JG - Minha avó era, eu sou de Daomé. Então era a mãe da minha mãe que era uma menina doméstica dos brasileiros Souza, de Uidá.

MG - Então ela cresceu nessa cultura brasileira.

JG - Sim.

MG - Ela brincou o *bourian* desde jovem.

JG - Sim. E minha mãe nasceu e cresceu dentro disso. Graças a minha mãe, eu cresci dentro disso. E hoje, isso continua.

MG - A cabeça que guardou muito tempo sabão espuma igual[3]. Então, o branco veio dizer que era preciso continuar a *bourian* e não parar. Foi aí que o senhor fundou?

JG - Não, meu pai, que morreu em dezembro de 38, eu tinha onze meses, minha avó me levou para a casa dos agudás. Pouco a pouco eu me levantei.

MG - O senhor fez o primeiro grupo lá? Ele durou bastante tempo?

JG - Na casa dos brasileiros mesmo, em Uidá.

MG - Com os Souza.

JG - Sim.

MG - E era o grupo de quem? Quem era o velho lá[4]? E quando você chegou a Porto Novo, não queria falar com os brasileiros?

JG - Eu já era velho quando vim para cá. Eu fundei isso aqui há menos de três anos. São todos os meus colaboradores esses.

MG - Quem teve a ideia? Foi o Aurélien ou você?

JG - Quando eu vim, tinha um garotinho que se chamava Talen Augustin. O pai dele era do nosso grupo em Cotonou e levava o nosso gigante, o Giganta. Ele era muito pequeno, tinha um ano e meio de idade, algo assim. E crescendo, ele soube: "Meu pai é aquele velho lá". E quando eu retornei aqui, ele me disse: "Meu irmão mais velho, vamos reformar isso". E como eu conheci um pouco as explicações brasileiras...

MG - De Uidá.

JG - Sim.

MG - O senhor mora em que bairro em Uidá?

JG - Maro.

MG - Como era o nome da avó do senhor?

JG - Ela chamava Marma.

MG - O sobrenome dela. Como é o nome da mãe do senhor?

JG - Célestine Djogbenou.

---

[3] Tradução literal de *"la tête qui a longtemps gardé le savon mousse pareil"*.
[4] Não está muito claro esse trecho.

MG - Então, a avó do senhor...

JG - Ela se chamava Marma. Nós éramos cinco crianças, a gente se divertia, éramos cinco domésticos na casa dos brasileiros.

MG - Eles deram uma casa para vocês?

JG - Todos eles morreram. O último, nós ficamos dois meses, o último está cansado, ele não aguenta mais.

MG - Eu quero saber pelo menos o nome dele.

JG - Daniel Douènar. Mas ele está cansado.

MG - Vocês eram cinco domésticos.

JG - Sim. Só sobrou eu. Os outros partiram. Quando os brasileiros partiram, queimaram a casa. Nós, às quintas [feiras], fizemos a escola brasileira. Eu tinha livros. Era em Cotonu. Eles vinham me buscar em Uidá.

MG - É forte. É importante saber como a cultura, não nas memórias... Porque nós os brasileiros de lá [do Brasil], temos muito orgulho das pessoas que fazem a *bourian* aqui. E *voilá.* É o senhor. E é importante.

JG - Logo mais, eu vou me aposentar e, se Deus quiser, eu estarei lá com o senhor.

MG - Sim, eu acho que um dia o senhor estará lá.

JG - Fazemos a prática, se o senhor quiser.

MG - Tenho que voltar antes da noite, senão não dá para pegar a estrada com os aparelhos. Eu preciso partir daqui a pouco, mas eu volto.

JG - Todo mundo dirá ao senhor de voltar. Porque com meu velho, desde o meu pequeno, quando os brasileiros foram embora, a casa do Brasil em Uidá foi queimada. Nós, eu estava lá. Teve o nosso cozinheiro, o velho Dossai Yovo que morreu. Fomos nós que o carregamos para casa. Desde então, ninguém mais pode lhe contar nada, salvo eu. As pessoas vêm me ver e eu digo: aqui tinha isso, aquilo, a cozinha de tal, lá o velho dormia. Eu sozinho digo tudo a eles.

MG - O senhor tem quantos filhos?

JG - Oito.

MG - Eles fazem a *bourian?* Eles gostam?

JG - Eu só tenho meninos. E eles gostam muito da *bourian.*

MG - A *bourian* mudou desde o tempo que o senhor estava em Uidá até Cotonu?

JG - Teve muitas mudanças. De Uidá à Cotonu já teve a modernização. A modernização é que em Cotonu - eles não tinham instrumento musical - eu coloquei a guitarra, fiz gravações. Enquanto que, em Uidá, em 58, a gente fazia *tape, tape tape*...[5]

MG - O senhor tem um tambor quadrado, um pedacinho de madeira.

JG - Sim. Com a guitarra, faz a *biguine*[6]. Dá som e a música é boa.

MG - E aqui na Estrela de Honra vocês não têm guitarra?

JG - Ainda não. Fazem dois anos que eu retornei à Porto Novo para reformar o grupo.

MG - E no nível das fantasias, o que mudou?

JG - As fantasias, nós não temos dinheiro, meios, para reformar as coisas. Se a gente reforma as coisas, vai dar gosto.

MG - E quando vocês fazem apresentações para as famílias, elas pagam ou não?

JG - Sim, mas como? Se por exemplo um irmão perde seu pai, eu não posso lhe dizer de pagar.

MG - E se não é seu irmão e é uma família rica?

JG - Não menos de 10 mil francos.

MG - A Cotonou eles pedem 50 mil francos, e à Uidá, eles pedem 50 mil. Uma família que não tem dinheiro, 25 mil, eles podem dar 23.

JG - Em Porto Novo, se a gente diz 20 mil já é muito caro para eles.

MG - Mas não é caro para Karin da Silva.

JG - Nós somos crianças para Karin da Silva. Se ele nos chamar, nós vamos.

MG - Mas quem faz a *bourian* lá?

JG - É ele o presidente.

MG - Ele é o presidente da Associação. E quem toca?

JG - Não, ele não tem esses responsáveis aí. Como a gente.

MG - Vocês precisam de ajuda.

JG - É verdade.

MG - Sr. Joseph, estou impressionado de saber como o senhor faz a *bourian*. Mas no ano passado, o senhor não se apresentou no Bonfim.

---

[5] Som de tambor, provavelmente.
[6] Ritmo de origem Africana.

JG - Nós estamos em Porto Novo e o Sr. Da Silva é o presidente do grupo *bourian* de Porto Novo. Como ele disse que não que se manifestar, é isso.

MG - Ano que vem eu estarei aqui para ver. Este ano, eu estava lá. Eu vi a *bourian* dos [?][7], o ano que vem, eu vou ver os dois. Eu vi *bourians* vestidas como senhores, de terno e gravata. Mas aqui a *bourian,* a grande, é vestida como um funcionário da alfândega, ou algo assim.

JG - Eu explico um pouco para o senhor. Nós a chamamos de Giganta. Veio de quê? De gigante. Quando chega o Natal, a festa, quando vocês vão ao presépio da Igreja, um homem fino, que foi feito gigante, o Portugal diz "esse velho gigante Giganta". Jesus tem dois metros, certo, mas esse aqui tem mais que dois metros, eles o chamaram Giganta.

MG - E para chamá-lo, que canção vocês cantam? Ah, é organizado em cadernos.

JG - Dizemos: "É preciso vir dançar/Papa *é yé p de juvia nave/papa é do drasi la nouvé/quanta doro é papa do brasila/viva viva viva do apé do brasila/ papa é mi o de tu vé".*[8]

MG - Eu vejo que você tem um caderno. Você escreve as canções.

JG - Eu tenho tudo.

MG - Eu tenho livros. Se você quiser eu te ensino as canções em português e eu te faço em francês. E para chamar Yayá, a mamãe, o que você canta?

JG - É no nosso dialeto.

MG - Em Nagô?

JG - Não, em Yorubá. O senhor quer isso?

MG - Sim.

JG - *Mi a mon be deusa (bis)/ O manu be deusa/ bé deusa na samba (bis)/ ?????*[9] Essa é para Mamiwata.

MG - *Mé a moi be deusa,* é meu amor, vem deusa. Precisamos fazer uma coleção. Eu te dou fitas cassete e você canta, eu farei a transcrição. Um dia nós vamos fazer. Diga-me, vocês dois que cantam em português, vocês conhecem palavras, como "*como paso"*?

JG - *Bondia, como paso, umbrigado*[10]. Bom dia, boa tarde, boa noite.

---

[7] Palavra incompreensível: "*Almals"?*
[8] Letra em dialeto africano.
[9] Sinais de interrogação originais do manuscrito.
[10] Expressões originais do manuscrito.

MG - Eu parti da casa da Madame Patterson, a mãe dela nasceu Medeiros. Sua avó é Francisca Souza. A mamãe tem 95 anos. Eu parti e a vovó falou na língua. Ela disse Bondia, como paso. Isso me tocou o coração. Ela aprendeu no século passado. Antes da chegada dos franceses, todo o mundo sobre a costa falava brasileiro. É por isso que quando o branco chegou e viu que não se fazia mais a *bourian*, ele disse que era preciso fazê-la. Eu estou muito orgulhoso que o senhor faz a *bourian* em Cotonu e que há dois grupos em Cotonu.

JG - Agora eu sou o único. Quando tem gente, não os enviamos de Cotonu, as crianças não querem mais, eles não têm mais coragem.

MG - O senhor conhece pessoas que fazem a *bourian* em Bohicon?

JG - Sim. Precisa perguntar no bairro Zongo, na casa do Rodriguez, em Bohicon, na estrada de Abomé.

MG - Eu vou para lá.

JG - Eles são velhos lá também.

MG - Agora você será meu amigo. Eu não te largo mais. Quero aprender tudo de *bourian*.

JG - Estamos aí.

Na despedida, ele me ensinou que “pessoas” vieram de Cotonu e pediram a ele para que cantasse para uma gravação. As “pessoas” fizeram uma fita cassete para vender, sem lhe dar nada. Ele foi ver a polícia, que proibiu a venda da cassete. Mas isso não mudou nada. Eu ouvi a cassete, é bem ele. Ele diz que “todo o mundo” tem “sua” cassete.